

Dos anéis de Saturno

DRA. VERA LÚCIA DE OLIVEIRA E SILVA

Já vivi quase três quartos de século e não consigo me reconhecer fora do paradigma iluminista. Por isso mesmo, tenho a certeza absoluta de que estou sendo invadida por um alienígena.

Que outra explicação seria possível para o fato de que me vejo fazendo planos absurdos, pensando em saltar de paraquedas, visitar a estação espacial e conferir que a Terra é mesmo redonda e azul, mergulhar numa fenda entre placas tectônicas, escalar o Everest, publicar um livro de contos ou desfilar no carnaval?

É claro que não sou eu quem produz esses desvarios e, sim, o invasor que, não tenho a menor dúvida, veio dos anéis de Saturno.

Às vezes acontece de eu ouvir seus movimentos furtivos dentro do apartamento; às vezes chego até a entrever sua sombra fugidia ou seu reflexo fugaz nos espelhos.

Ainda não o surpreendi, mas a prova definitiva de sua presença, inequívoca e inefável, é que tenho estado tão encantada com suas propostas insensatas que me pego cantando, sem mais nem por quê.

Na oficina de escrita a tarefa era clara: escrever um texto que explorasse o tema “O duplo”.

A primeira frase, a partir da qual pretendia desdobrar a impotência da razão para dar conta da angústia que o “Duplo” – leia-se, o Sinistro – tem o poder de evocar, era a seguinte: não consigo me reconhecer fora do paradigma iluminista.

Tão logo rabisquei o papel, ouvi sua vozinha de taquara rachada:

– O professor disse que podia ser um texto leve!

Quem falava era um pequeno alienígena que, cansado do frio e da vida monótona nos anéis de Saturno (pense um lugar onde não é possível pular de alegria!), decidira migrar para a Terra e, não me pergunte o porquê, escolheu morar comigo. Quem sabe leu o meu coração de avó sem netos.

Eu o acolhi e batizei de Cronópio. Gostou tanto do nome que começou a saltar e dar cambalhotas, gritando entre gargalhadas: “Cro-nópio! Cro-nópio!” Tive medo que os vizinhos acudissem.

– Um texto “l-e-v-e” sobre o Duplo?!... Resmunguei. Puro nonsense!

Antes que eu pudesse esboçar qualquer reação, bem ao seu estilo, ele roubou-me o lápis e a folha de papel e escreveu um conto, mantendo a frase inicial, mas terminando com um verso onde eu “me pego cantando, sem mais nem por quê”. E o descarado mandou o texto adiante, com a minha assinatura.

O diabinho é tão sem-vergonha que não deu a mínima quando foi informado de que esse verso já tinha dono e ele tinha feito uma apropriação indébita.

Não só não deu bola como, aprendendo a canção de onde roubara o verso, sem nenhum pudor, saiu dançando e cantando alto.

Cantou tão alto que, de novo, incomodou os vizinhos. ❶

Roubaram o Lago Azul

Parque do Itatiaia, o Lago Azul imenso como o Atlântico.

Quando retorno, adulta, nem chega a lago.

Ali meu namoradinho de dez anos mergulhou e resgatou o relógio do filho do guarda-parque que, todo pimpão, me arroteava – e que teve que confessar que nem sabia nadar.

Passei de cobiçada pelo poderoso a namorada do herói.

Quantas vezes, vida afora, voltei a ocupar todas essas posições?

Ora me achando mar; ora reduzida a lago.

Às vezes regato saltitante; outras, poço estagnado.

Hoje, rio, já chegando ao oceano.

A vida decidindo, mais que eu mesma.

então virou lago

mar que um dia estive aqui?

como passa o tempo!